

**Contributos para uma análise semântico-pragmática
das construções com *assim***

Ana Cristina M. Lopes Conceição Carapinha

CELGA/Faculdade de Letras de Coimbra

Este trabalho insere-se num projecto de investigação mais vasto, centrado no estudo de um conjunto de itens lexicais do PE contemporâneo, pertencentes à classe dos advérbios (e mais especificamente às sub-classes dos advérbios de tempo e de modo), que têm a particularidade de manifestar uma considerável versatilidade semântica no discurso. É sabido que a categoria advérbio é polifuncional e heterogénea, não passível de um tratamento uniforme. Poucos são, no entanto, os estudos parcelares disponíveis, de carácter descritivo, que permitam sustentar generalizações significativas sobre o seu funcionamento discursivo em português. Partimos da hipótese de que a significação linguística se distribui por distintos domínios, que não se esgotam no domínio referencial contemplado pelas teorias semânticas clássicas. Os itens que temos vindo a analisar parecem facultar evidência empírica para uma concepção de gramática que integre dimensões pragmáticas da significação e permita descrever construções que envolvem dependências contextuais (situacionais ou discursivas).

Neste artigo, interessa-nos observar os diferentes valores de uso do advérbio *assim*. Para tal, recorremos ao Corpus de Referência do Português Contemporâneo (sub-corpus oral e sub-corpus escrito)¹, a partir do qual procurámos destacar os seus contextos sintácticos de ocorrência (parágrafo 1 deste trabalho) e caracterizar os seus valores semânticos (parágrafo 2). Por vezes, recorremos também a exemplos construídos por nós, ancorados na nossa intuição de falantes nativas. As considerações finais visam articular a polifuncionalidade atestada pelos dados empíricos com os diferentes domínios da significação em que o item opera, num quadro teórico em que o conceito de gramaticalização adquire manifesta centralidade.

Tanto quanto é do nosso conhecimento, as únicas reflexões sobre o funcionamento de *assim*, no PE, devem-se a Óscar Lopes (1985). Este nosso trabalho é, naturalmente, tributário dessa reflexão pioneira.

¹ Agradecemos vivamente ao CLUL a disponibilização dos dados que tornaram possível a elaboração deste trabalho.

1. Contextos sintácticos de ocorrência

Assim aparece tradicionalmente incluído, nas gramáticas, na classe dos advérbios de modo.² Do ponto de vista sintáctico, a análise do dados recolhidos no CRPC permitiu-nos identificar diversos contextos de ocorrência, que inevitavelmente questionam a clássica definição de advérbio como “modificador do verbo”.

1.1. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (1) *Há muito tempo que não se sentia assim.* [R1994]
- (2) *Faz-se deslizar o utensílio sobre a superfície, e o espigão vai marcando assim a linha desejada* [L0337P0061X].

Se submetemos (1) e (2) ao teste da supressão, facilmente verificamos que estamos perante dois tipos distintos de ocorrências:

- (1a) **Há muito tempo que não se sentia.*
- (2a) *Faz-se deslizar o utensílio sobre a superfície, e o espigão vai marcando a linha desejada.*

Em (1), a supressão de *assim* dá origem a uma frase agramatical, o que não sucede em (2). Diremos, então, que em (1) *assim* é um constituinte obrigatoriamente seleccionado ou subcategorizado pelo verbo, funcionando sintacticamente como complemento adverbial; trata-se, pois, de um argumento interno do predicado verbal, substituível por outros sintagmas, adverbiais ou preposicionais, com valor de Modo (*bem, mal, em forma*). Em contextos deste tipo, *assim* ocorre tipicamente em posição pós-verbal.³

Já em (2), *assim* é um constituinte facultativo, funcionando sintacticamente como adjunto a SV, também substituível por outros sintagmas, adverbiais ou preposicionais, com valor de Modo (*desta forma, de modo surpreendente, com precisão*, etc.).

² Veja-se, por exemplo, Cunha e Cintra, 1984:538. Assinale-se que nalgumas gramáticas, por exemplo em Bechara, 1990, aparece também incluído na classe das conjunções coordenativas conclusivas.

³ Há outros verbos com a mesma estrutura argumental de *sentir-se*, por exemplo, *portar-se, comportar-se, proceder*. Todos eles se constroem, por conseguinte, com um complemento adverbial com valor de Modo.

As duas ocorrências distinguem-se, pois, pelo distinto grau de integração na frase do advérbio, embora ambos façam parte da proposição.⁴

1.2. Atente-se agora no exemplo (3):

(3) *Os meninos pequenos às vezes são assim.* [L0112P0021X]

Neste caso, *assim* comuta livremente com sintagmas do tipo *muito birrentos* ou *uns amores*, ocupando, portanto, a posição dos predicadores adjectivais ou nominais que, em esquemas frásicos com verbos copulativos, desempenham a função sintáctica de Predicativo do Sujeito. Embora esta estrutura não apareça mencionada nas gramáticas, ela parece bastante produtiva no português contemporâneo, a avaliar pelo número de ocorrências no *corpus*.⁵

1.3. Veja-se agora o exemplo (4):

(4) *Tinha espuma, era doce, nunca mais voltei a beber leite assim*
[L0426P00010X]

Muito frequente no *corpus*, esta estrutura revela a possibilidade sintáctica de *assim* ocorrer no interior de SN com uma função de modificador nominal, sempre posposto ao nome. *Assim* retoma anaforicamente as propriedades do leite referidas no discurso anterior, como veremos no parágrafo 2 deste trabalho.

Parece-nos ser o único advérbio da língua susceptível de assumir este comportamento sintáctico.

1.4. Atente-se, seguidamente, no contexto ilustrado em (5):

(5) *Havia muito que no seu estômago não entrava uma coisa assim cheirosa e bem cozinhada (...)* [L0023P0223X]

⁴ É de salientar que alguns verbos têm significados distintos em função de distintas estruturas argumentais. Nestes casos, deveriam ser registados em duas entradas de dicionário. É o caso de *tratar*, que pode exigir apenas um argumento nominal (veja-se a frase *O médico tratou todos os doentes*), mas pode igualmente combinar-se com dois argumentos (*O Pedro tratou-te assim/correctamente/de modo deselegante*). O mesmo acontece com os verbos *ver* e *encarar*: enquanto verbos perceptivos, seleccionam apenas um argumento (*O João viu o eclipse da Lua*); enquanto verbos psicológicos ou de actividade mental, com um significado que envolve avaliação subjectiva, seleccionam dois argumentos, um dos quais com a função semântica de Modo. (*A Ana não vê a questão assim*). Ou seja: diferentes significados de verbos formalmente idênticos reflectem-se nas respectivas grelhas de subcategorização e de selecção semântica.

⁵ Em posição de predicador, *assim* pode ocorrer no escopo dos advérbios *bem* e *tanto*, em contextos frásicos de negação, quando o falante contesta aquilo que foi dito previamente pelo interlocutor: (1) *Isso não é bem/tanto assim*.

Numa primeira análise, poder-se-ia reconduzir este exemplo à estrutura ilustrada em (4), ou seja, analisar *assim* como modificador nominal, neste caso em funcionamento catafórico. A nosso ver, esta interpretação será preferencialmente activada em função de traços prosódicos, nomeadamente a existência de uma pausa entre o advérbio e o SAdj adjacente.⁶

No entanto, na ausência de informação prosódica, a frase (5) é estruturalmente ambígua: podemos considerar que o advérbio modifica o adjectivo⁷, com uma função de **intensificador**, comutável por *tão*.⁸

(5a) *Havia muito que no seu estômago não entrava uma coisa tão cheirosa e bem cozinhada.*

Se, por um lado, *assim* parece comutar com o advérbio de intensidade *tão*, em contextos em que o núcleo do SAdj adjacente é preenchido por um adjectivo graduável, que denota uma propriedade escalar susceptível de ser quantificada, por outro lado, pode co-ocorrer com esse mesmo intensificador, dando origem a uma estrutura gramatical, como se atesta em (5b):

(5b) *Havia muito que nos eu estômago não entrava uma coisa assim tão cheirosa e bem cozinhada.*

Esta possibilidade de co-ocorrência parece invalidar a análise de *assim* como intensificador, ou seja, como advérbio que tem no seu escopo o adjectivo, já que palavras pertencentes à mesma categoria normalmente não co-ocorrem no mesmo ponto da cadeia sintagmática. No entanto, em português, a estrutura interna do SAdj admite a co-ocorrência de dois intensificadores (ou operadores de quantificação), como atesta a construção *um miúdo [muito[pouco inteligente]]*, que é perfeitamente gramatical. Não parece, pois, de todo impossível manter a proposta de análise sintáctica que viabiliza a interpretação de quantificação em alto grau; *assim* teria então um comportamento similar ao dos tradicionais advérbios de intensidade com um adjectivo no seu escopo.⁹

⁶ Essa pausa seria traduzida na grafia pelo recurso à vírgula, ou, talvez melhor, aos dois pontos.

⁷ No quadro da Teoria X-Barra (cf. Chomsky, 1970), *assim* ocuparia, na interpretação que estamos a comentar, a posição de especificador, à esquerda da primeira projecção definida pelo núcleo ADJ. Neste trabalho, adoptamos a metalinguagem utilizada em Quirk et alii (1985) e Demonte e Bosque (1999), ou seja, diremos que no contexto em apreço o advérbio *assim* modifica o adjectivo à sua direita.

⁸ O facto de os advérbios de intensidade poderem modificar um adjectivo é reconhecido pelas gramáticas tradicionais. Cf. Cunha e Cintra, 1984:537. Relativamente a *assim*, é curiosa a seguinte observação de Corominas: "De así aparejado a un adjetivo o a otro adverbio con el valor de tan, hay algun ejemplo en el Siglo de Oro" (1989:376). Seria interessante verificar se, na história da língua portuguesa, *assim* também assumiu este valor.

⁹ Parece-nos relevante assinalar que a segunda interpretação proposta surge apenas em contextos de polaridade negativa. Contrastem-se os exemplos (i) e (ii):

Até aqui, em todos os exemplos elencados, *assim* opera claramente no interior da proposição, quer como elemento essencial (predicador ou argumento nuclear subcategorizado pelo verbo), quer como elemento modificador, ou seja, como constituinte que expande uma estrutura básica, de natureza verbal, nominal ou adjectival.

1.5. Atente-se agora num outro contexto de ocorrência muito frequente no corpus, distinto dos anteriores pelo facto de envolver duas instâncias de enunciação:

(6) *Levanta-se o Vieira e diz assim:*

— *Peço perdão!* [L0279P0359X]

Trata-se de um contexto de relato de discurso, em que *assim*, depois de um verbo *dicendi*, funciona como **introdutor de discurso directo**.¹⁰ Nestes contextos, *assim* ocupa a posição de OD. No entanto, como se trata de uma **catáfora** (questão que retomaremos no parágrafo seguinte), *assim* apenas introduz/antecipa a frase em discurso directo que constitui efectivamente o argumento com a função de OD, subcategorizado pelo verbo *dicendi*.

1.6. Para além dos contextos em que *assim* opera no interior da proposição e deste uso particular como introdutor de discurso directo, *assim* ocorre ainda em contextos que mobilizam relações interproposicionais. Veja-se o exemplo seguinte:

(7) *No âmbito de Teatro, começa-se (e bem) pelas crianças. Assim, a partir de 11 de Fevereiro, no Teatro Maria Matos, teremos um espectáculo musical encenado por Fernando Gomes e coreografado por Vítor Linares, com o elenco do Teatro Infantil de Lisboa.* [R1649].

Estamos perante um **advérbio conector**, com um comportamento próximo do das conjunções de coordenação. As propriedades sintáctico-semânticas de *assim* advérbio conector contrastam com as de *assim* adjunto a SV. Com efeito, este último pode ocorrer no escopo da negação frásica (e constituir inclusivamente o seu foco), o que não se verifica com o advérbios conector, como se comprova contrastando (2 b) com (7a):

(i) Não/Nunca tinha imaginado um livro *assim* antigo e tão caro.

(ii) *Tinha imaginado um livro *assim* antigo e tão caro.

¹⁰ Na passagem para discurso indirecto, *assim* seria substituído pela conjunção completiva *que*. O. Lopes afirma que “as conjunções integrantes começaram, em muitos casos, por serem advérbios de modo correlativos, em construções do tipo “ele disse *assim*, *como*”. É o caso do grego *ὡς*, do latim *ut*, do português arcaico *como*, conjunção integrante já no latim vulgar representada por *quomodo*” (1985:90-91).

(2b) *O espigão não vai marcando assim a linha desejada.*

(7a) *Assim, a partir de 11 de Fevereiro (...) não teremos um espectáculo musical (...).*

Por outro lado, o adjunto a SV pode ser focalizados através de construções de clivagem, quer em estruturas interrogativas, quer em estruturas assertivas, ao contrário do que acontece com o advérbio conector:

(2c) *É assim que o espigão vai marcando a linha desejada!?*

(7b) **É assim que a partir de 11 de Fevereiro (...) teremos um espectáculo musical (...)?!*

O teste da focalização através de advérbios restritivos assinala igualmente as diferenças de comportamento sintáctico entre o advérbio conector e o adjunto a SV. Confronte-se (2d) com (7c):

(2d) *O espigão só assim vai marcando a linha desejada.*

(7c) **Só assim a partir de 11 Fevereiro (...) teremos um espectáculo musical (...).*

Enquanto advérbio conector, *assim* nunca pode iniciar um discurso, já que a sua função é de tipo conjuncional, permitindo sinalizar uma articulação entre dois enunciados., ou entre um enunciado e uma sequência discursiva anterior mais vasta. Trata-se, pois, de um operador que actua ao nível da estruturação textual, ocorrendo tipicamente no início da frase que dá continuidade a um fragmento discursivo anterior.¹¹ Enquanto adjunto a SV, *assim*, nas construções não marcadas do PE, ocupa tipicamente uma posição pós-verbal (cf. ex.2), mas é possível a sua ocorrência em posição inicial absoluta de discurso, como facilmente se comprova através do conhecido slogan reproduzido em (8):

(8) *Assim se vê a força do PC!*

O exemplo (8) é uma construção marcada, em que factores de natureza pragmática impuseram um determinado esquema prosódico, uma escansão métrica que viabiliza a rima interna e que só a posição pré-verbal de *assim* permite.

¹¹ O advérbio conector *assim* parece derivar da oração reduzida de gerúndio '*sendo assim*', por elipse da forma verbal. Em Lehmann (198:210-211), considera-se *assim sendo* como "connective phrase", correspondente a uma oração adverbial reduzida. Não deixa de ser curioso, assinala o autor, que se utilize uma oração subordinada para conectar paratacticamente, de forma explícita, duas frases.

O advérbio conector *assim* admite combinar-se com a conjunção de coordenação *e*, o que, obviamente não acontece com o adjunto a SV¹². Vejam-se os exemplos (9) e (2e):

(9) (...) *não mudou os ministros a República, nem as direcções da RTP e RDP (...) É assim a onda rosa acabou por não constituir qualquer espécie de 'terapia de choque' nos velhos regimes sociais-democratas dos Açores e da Madeira [J19154]*

(2e) **O espigão vai marcando e assim a linha desejada.*

Até aqui, apresentámos alguns testes que nos permitiram distinguir o adjunto a SV do advérbio conector. Importa agora esclarecer por que não integrámos este último na classe das conjunções, tendo em conta o papel que desempenha na conexão discursiva. Partimos do princípio de que a conjunção prototípica articula frases, dando origem a um produto final que pode também ser integrado na categoria sintáctica F. Ora acontece que o produto final resultante da conexão expressa por *assim* é um texto não frásico. Para o provar, veja-se a impossibilidade de encaixamento da estrutura resultante da conexão como complemento de um verbo ou de um advérbio de frase, nos exemplos seguintes:

(7d) **Ele sabe [que[no âmbito de Teatro, começa-se (e bem) pelas crianças, assim, a partir de 11 de Fevereiro, no Teatro Maria Matos, teremos um espectáculo musical encenado por Fernando Gomes e coreografado por Vítor Linhares, com o elenco do Teatro Infantil de Lisboa]].*

(7e) **Possivelmente, [no âmbito de Teatro, começa-se (e bem) pelas crianças, assim, a partir de 11 de Fevereiro, no Teatro Maria Matos, teremos um espectáculo musical encenado por Fernando Gomes e coreografado por Vítor Linhares, com o elenco do Teatro Infantil de Lisboa].*

Por outro lado, uma conjunção prototípica tem uma posição sintáctica fixa, em início absoluto da frase que introduz. Ora *assim*, na sua função de conector discursivo, pode surgir quer em início absoluto de frase, quer em posição pós-verbal. Esta mobilidade parece indicar que o processo de gramaticalização¹³ do advérbio ainda não está completamente concluído.

Enquanto conector, *assim* pode comutar com diversos marcadores de conexão discursiva *-por isso, portanto, daí (que), de modo que*, entre outros - o

¹² O facto de os advérbios conectores poderem ocorrer com conjunções de coordenação tem sido um argumento forte para a sua não inclusão nesta última classe, já que duas conjunções do mesmo tipo se excluem mutuamente.

¹³ Utilizamos o termo *gramaticalização* para referir o processo gradual e contínuo pelo qual um item perde o seu estatuto lexical e adquire um valor de natureza gramatical. No caso vertente, haveria uma recategorização sintáctica (cf. Hopper e Traugott (1983)), já que o Advérbio passaria a assumir funções conjuncionais.

que aponta para a sua polivalência semântica, que será analisada no parágrafo 2 deste trabalho.

1.7. O *corpus* ilustra ainda a possibilidade da ocorrência de *assim* em locuções conjuncionais com distintos valores semânticos: a locução com valor **temporal *assim que***, parafraseável por *logo que* (ex. (10)), e a locução correlativa ***assim como***, com um valor predominantemente juntivo (ex.(11)):

(10) *Assim que entrei num dos zebros que esperavam na praia senti-me em casa* [R2072].

(11) *É claro que também percebo por que razão o convite me é dirigido nesta fase do ano (...), assim como a outros colegas meus do Governo.* [J17344]

1.8. Atente-se agora no exemplo (12):

(12) *E as estruturas sociais já em funcionamento (...) podem-se contar pelos dedos. Mesmo assim, a Câmara diz que os realojamentos na capital “têm corrido bem” (...)*[J15752]

Mesmo assim, parafraseável por *apesar disso*, expressa um valor concessivo. Sintacticamente, parece-nos que a construção resulta da elisão da forma verbal *sendo*: *mesmo [sendo] assim*. Teríamos, então, primitivamente, uma oração gerundiva introduzida por *mesmo*; neste contexto (*mesmo*+gerúndio), *mesmo* funciona habitualmente em português como operador de subordinação com interpretação concessiva.

Com idêntico valor concessivo, encontramos ainda no *corpus* a construção *ainda assim*.

1.9. O exemplo que a seguir apresentamos ilustra um dos usos mais recorrentes do item em análise no sub-*corpus* oral que analisámos:

(13) *Como o tipo é assim um bocado tonto, disse-lhe que sim*
[1207-15-A00-020-23-M-J-5-8-D]

Parece-nos que *assim*, em (13), tem um comportamento sintáctico-semântico similar ao da construção inglesa *kind of/sort of*, analisada em Kay (1997). O autor designa-a por *hedge* e considera que se trata de uma categoria que pode ter escopo sobre a projecção máxima de qualquer categoria sintáctica, sendo a sua semântica inerentemente metalinguística, parafraseável por construções do tipo ‘por assim dizer’, ‘digamos assim’ (expressões atestadas no *corpus*) ou ‘como dizê-lo?’. Tal como a expressão inglesa correspondente, também

em português o *hedge assim* pode ter no seu escopo qualquer categoria sintáctica:

(14) *Estava a pensar assim quantas pessoas ele pensa que pode enganar.*

(15) *Ele julga-se assim um sultão.*

Em (14), *assim* tem no seu escopo uma estrutura frásica, em (15), um SN. Note-se que uma interpretação de *assim* como **hedge** exige, no plano prosódico, algumas características específicas, nomeadamente o alongamento da última sílaba do advérbio, acompanhado de uma pequena pausa subsequente.¹⁴

1.10. A diversidade dos contextos recenseados demonstra que *assim* está longe de ter uma distribuição homogénea, o que nos leva a problematizar a sua inclusão tradicional na categoria sintáctica Advérbio. Será que podemos continuar a classificar como advérbio um item que funciona como pró-SAdj (ex.(4)) ou pró-SN (ex.(3))? Como encontrar um denominador comum, do ponto de vista sintáctico, entre o *hedge* (ex. (13)) e o pró-SP (ex.(2))? Os dados parecem apontar para a pertinência de uma análise que contemple a possibilidade da recategorização, num quadro teórico que integre a noção de gramaticalização e defina as categorias em termos prototípicos.

¹⁴ Por vezes, é difícil distinguir claramente entre o *hedge* e o mero bordão linguístico, substituível por '*portanto*' ou '*pronto*', que apenas assegura continuidade discursiva ou manutenção do turno de fala. Veja-se o exemplo seguinte:

(i) *Milho é para os animais e também há gente que também mói para milhos assim para comerem. Pois, mas pouco, pouco. Cá não há assim pedra para moerem isso*
[1024-04-J03-011-65-F-E-0-2-0].

A ocorrência de *assim* parece estar associada a pequenos momentos de hesitação, em que o locutor tenta encontrar a palavra ou a formulação exacta da sua ideia, procurando manter o fio do discurso (na literatura anglo-saxónica utilizam-se os termos *filler* ou *planner* para designar esta função discursiva); no entanto, aqui não parece óbvia a sinalização metalinguística de uma inadequação referencial.

2. Para uma análise semântica

2.1. Tradicionalmente incluído na classe dos advérbios de Modo, *assim* pode funcionar como resposta a uma interrogativa parcial iniciada pelo morfema interrogativo *como*, parafraseável por ‘de que maneira/modo’¹⁵. No entanto, contrariamente aos outros advérbios de Modo, *assim* é uma expressão referencialmente não autónoma, desprovida de significado lexical/descritivo, o que implica que, por si só, não pode funcionar como resposta completa/saturada¹⁶. Trata-se, basicamente, de uma **unidade deíctica**. Como afirma Óscar Lopes, “a palavra *assim* pode pronunciar-se em simultaneidade ostensiva com um acto, um gesto ou atitude (...) E acontece então que o acto ou gesto encaixa na frase como instanciação quase-verbal do sentido de *assim*; o acto verbal, e um acto de práxis corpórea, socialmente caracterizado, colam-se um ao outro” (1985-91). Veja-se o enunciado (16), que ao ser dito é acompanhado por um determinado gesto:

(16) *Uma banana descasca-se assim.*

Estamos, neste caso, perante o deíctico puro referido por Óscar Lopes: *assim* aponta para elementos do contexto situacional que especificam um fazer inerente ao dizer, fazer esse que corresponde ao modo como se executa uma determinada acção, a acção de descascar uma banana. Prototipicamente, *assim* preenche uma função semântica de Modo. O seu significado é basicamente de tipo instrucional/ostensivo, uma vez que expressa apenas uma instrução ao interlocutor, no sentido de este procurar, no contexto situacional, um fazer em vias de realização; deste modo, a interpretação de *assim* implica o processamento de um *input* perceptivo. Parece-nos ser este o valor básico do advérbio, activado por defeito.

Na ausência de elementos situacionais que saturem semanticamente *assim*, o interlocutor procurará evidência discursiva que lhe permita interpretar o advérbio.¹⁷ Surge, então, o funcionamento **anafórico** de *assim*: por ostensão, *assim* reenvia para um antecedente discursivo que o preenche referencialmente. Nestes contextos, *assim* é parafraseável por ‘deste modo/ do modo que acaba de ser indicado’. Veja-se o exemplo seguinte:

¹⁵ Não vamos aqui discutir os contornos do conceito de Modo. Diremos apenas que os advérbios de Modo prototípicos, que funcionam como adjuntos a SV, podem suscitar interpretações diversas - por exemplo, meio (‘calcular mentalmente’), instrumento (‘contactar telefonicamente’), maneira (‘olhar atentamente’). Neste trabalho, apenas nos propomos contribuir para a descrição do funcionamento semântico de ‘assim’.

¹⁶ Por esta razão, aparece por vezes classificado como advérbio pronominal. Cf. Bosque e Demonte, 1999:707.

¹⁷ Na ausência de evidência situacional ou discursiva, um fragmento discursivo em que ocorra *assim* torna-se ininterpretável, suscitando, em situações normais de interacção, a pergunta do

(17) *O fascismo nunca caiu [com votos]. Aqui também não vai cair [assim]*
[L0454P0227X]

Assim, neste exemplo, retoma anaforicamente o SPrep [*com votos*]. Neste caso, assume a função sintático-semântica tradicionalmente associada aos advérbios de Modo, ou seja, modifica o predicado.¹⁸

O antecedente discursivo de *assim* pode ser um SV, toda uma frase ou até todo um discurso, como se comprova pela análise dos exemplos (18), (19), (20) e (21). Veja-se, para já, o exemplo (18):

(18) *O regime de Vichy (...) promulgou leis antijudaicas em Outubro de 1940, antecipando-se assim às exigências dos alemães.* [J3773]

O exemplo (18) ilustra paradigmaticamente um conjunto assinalável de contextos atestados no corpus em que *assim* funciona como adjunto a SV numa oração gerundiva. Em (18), *assim* retoma o SV da oração principal, e admite paráfrases do tipo ‘devido à promulgação das leis antijudaicas’, ‘por meio da promulgação das leis antijudaicas’. Do ponto de vista semântico, parece-nos que estamos perante aquilo a que Quirk *et alii* (1985) chamam “semantic blends”, já que ao valor de Modo se sobrepõem outros valores, nomeadamente de Meio e de Causa.¹⁹ Note-se que as orações reduzidas de gerúndio que o nosso corpus atesta, nas quais ocorre o advérbio *assim*, parecem poder incluir-se na classe dos gerúndios ilativos, na terminologia de Demonte e Bosque (1999: 3478 ss.). Este tipo de orações gerundivas é aí caracterizado nos seguintes termos: “los gerundios ilativos no funcionan como modificadores de la oración principal, sino como oraciones que expresan un evento independiente que acompaña, se suma o se añade al denotado en la principal”. Uma oração gerundiva deste tipo está, por conseguinte, mais próxima das orações coordenadas finitas do que das subordinadas. Semanticamente, a oração gerundiva ilativa expressa um comentário, neutro ou avaliativo, que se aduz ao evento representado na oração principal e que frequentemente corresponde a uma consequência do que foi dito. A explicitação do advérbio na oração gerundiva, com os valores amalgamados acima referidos, reforça o valor da própria oração gerundiva. No exemplo (18), a situação descrita na

interlocutor ‘Assim como?’ Veja-se o seguinte fragmento de diálogo: - Mas não julgues que eu sou sempre assim. - Assim como? - Assim tão pau mandado” [L0342P0314X]

¹⁸ *Assim* também pode orientar-se para o Sujeito, predicando anafórica ou cataforicamente uma propriedade acerca da entidade envolvida na denotação do constituinte que desempenha na frase essa função. Esta leitura é tipicamente activada se o predicador atribuir ao seu argumento externo a função semântica (ou o papel temático) de Agente. Veja-se o paralelismo estrutural entre o advérbio e o adjectivo predicativo nas frases (i) e (ii): (i) O João contemplava o irmão *assim* atentamente; (ii) O João, atento, contemplava o irmão.

¹⁹ Também em Demonte e Bosque (1999:732-33) se refere esta possibilidade de mesclagem de valores semânticos a propósito dos advérbios de modo em *-mente*.

oração gerundiva será interpretada como consequência, efeito ou resultado da situação descrita na primeira oração, graças à ambiguidade entre leitura modal e leitura causal suscitada pelo adjunto *assim*.

O *corpus* exemplifica ainda vários contextos de ocorrência de *assim* em orações gerundivas deste tipo em discursos técnicos ou científicos, contextos privilegiados de ocorrência de gerúndios ilativos. Veja-se o exemplo (19):

- (19) *Os gânglios linfáticos contêm células que fagocitam certos corpos estranhos como bactérias e fragmentos de tecidos destruídos por infecções, eliminando-os assim antes de se juntarem à circulação geral do sangue* [L0305P0144X]

Atente-se agora em (20) e (21):

- (20) *Em certas épocas, alguns podem olhar a vida com frieza, conduzir os seus passos com alguma margem de escolha e subtrair-se assim à tirania das forças primitivas (...)* [L0071P0277X]

- (21) *Já disse o que tinha a dizer de manhã, respondeu assim aos jornalistas.* [J15061]

Em (20), *assim* retoma anaforicamente as duas frases infinitivas anteriores que funcionam como argumento interno do núcleo verbal ‘podem’, admitindo a paráfrase ‘olhando a vida com frieza, conduzindo os seus passos com alguma margem de escolha’.²⁰

Em (21), é a globalidade do discurso directo citado que *assim* retoma; há, pois, um funcionamento ‘simétrico’ entre o *assim* catafórico, introdutor de discurso directo, e o *assim* anafórico que reenvia para o discurso directo já relatado, ambos postostos a verbos *dicendi*.

2.2. Como predicativo do sujeito, *assim* só funciona como deíctico puro se a propriedade que o falante que atribuir à entidade envolvida na denotação do SN sujeito for passível de uma representação corpórea ou gestual²¹. Na maior parte dos contextos de ocorrência atestados no *corpus*, *assim* predicativo do sujeito retoma anaforicamente ou antecipa cataforicamente propriedades expressas no contexto discursivo. Repetimos aqui o exemplo (3), alargando o contexto de ocorrência:

²⁰ As orações gerundivas a que recorremos na paráfrase são desempenham uma função sintáctica semântica de adjunto com valor de Modo, sendo, portanto distintas das construções gerundivas ilativas acima referidas.

²¹ Há posturas gestuais socialmente codificadas que representam propriedades ou atributos psicológicos ou físicos.

- (3) *E depois, envergonhada(...) — os meninos pequenos às vezes são assim —, escondeu a cabecinha no colo da mãe.*

Em (3), *assim* retoma anaforicamente o Sadj ‘envergonhada’, que funciona como antecedente. A única restrição a que a retoma anafórica (ou catafórica) está sujeita diz respeito à compatibilidade semântica entre o antecedente e a estrutura nominal com função de Sujeito. Por outras palavras, as propriedades retomadas anaforicamente têm de ser compatíveis com as entidades denotadas pela estrutura nominal Sujeito.

2.3. Como modificador nominal, *assim* pode funcionar anafórica ou cataforicamente. Vejam-se os exemplos (4) e (22):

- (4) *Tinha espuma, era doce, nunca mais voltei a beber leite assim*
[L0426P00010X]
- (22) *As crianças assim, frágeis e caladas, devem ser permanentemente acompanhadas.*

Em (4), ‘leite *assim*’ significa ‘leite idêntico a este’, ou seja ‘leite com as propriedades que acabaram de ser indicadas - com espuma e doce’. Em (22), *assim* sinaliza, por ostensão catafórica, que o SAdj subsequente explicita as propriedades relevantes que permitem identificar o objecto de referência. Ao reenviar anafórica ou cataforicamente para uma expressão que funciona como operador de modificação nominal, *assim* dará origem a frases semanticamente bem-formadas se houver compatibilidade semântica entre o modificador e a estrutura nominal modificada.

2.4. Como conector discursivo, são diversos os valores atestados. Começamos pela análise do exemplo (23):

- (23) *A Península Ibérica define-se como um pequeno continente, pouco recortado, onde as influências oceânicas pouco se fazem sentir no seu interior. Assim, durante o Verão, tornam-se frequentes as altas temperaturas que provocam a formação de centros de baixas pressões.*
[L0323P0040X]

Em (23), *assim* é substituível por ‘*por isso*’, ‘*de modo que*’ ou ‘*dai que*’. Neste contexto, *assim* sinaliza que a situação descrita na proposição que introduz deve ser interpretada como consequência do que foi dito/descrito previamente. Ou seja, o facto de as influências oceânicas pouco se fazerem sentir no interior da Península é a causa que determina a ocorrência de altas temperaturas responsáveis pela formação de centros de baixas pressões. Dado que as construções consequenciais e causais se equivalem semanticamente (*p porque q = q de modo que p*), podemos dizer que *assim* articula duas proposi-

ções segundo um nexo de causa/consequência. Em contextos deste tipo, *assim* opera claramente ao nível do domínio referencial da significação²²: a conexão discursiva envolve a representação de uma relação entre situações do mundo socio-físico.

Veja-se, agora, o exemplo (24):

(24) — *Sr. Presidente, talvez não tenha ficado claro para todos o que pretendia o meu camarada António Costa. Assim, devo esclarecer que aquilo que ele pretendia era não separar a apresentação do projecto da sua própria intervenção de fundo sobre o assunto [A0041].*

Neste contexto, parece-nos mais plausível parafrasear *assim* por *portanto*, operador de **conexão conclusiva**. Neste sentido, *assim* opera ao nível do domínio epistémico²³, ou seja, no domínio dos conhecimentos e crenças do falante: partindo da premissa de que a intervenção de A. Costa pode não ter sido cabalmente interpretada, o falante conclui que deve esclarecer a audiência. Há um esquema inferencial defectivo nas construções conclusivas, já que, para além da premissa expressa, é sempre possível explicitar uma premissa implícita que sustenta o raciocínio dedutivo. No caso em apreço, essa premissa omitida poderia ser formulada nos seguintes termos: quando/se uma intervenção não é clara, é necessário esclarecê-la.

Com este valor conclusivo, *assim* funciona como um conector argumentativo: o locutor argumenta a favor de uma determinada conclusão, explicitando uma premissa que, articulada com uma outra, implícita, sustenta e valida essa conclusão. Podemos encarar o nexo de conclusividade como sendo um nexo de tipo causal que opera ao nível do raciocínio do locutor, em função dos seus conhecimentos e/ou crenças: o facto de o falante saber que p (ou acreditar que p, sendo p a premissa expressa) é a causa que o leva a asserir/concluir q, dada a assunção de uma premissa genérica implícita. No caso da interpretação consequencial, o nexo causal, como vimos em (23), opera no domínio referencial: as duas proposições não se articulam argumentativamente, através da relação premissa-conclusão, antes descrevem dois estados de coisas distintos do mundo socio-físico, sendo um deles apresentado como causa e o outro como consequência do primeiro.

Note-se que nem sempre é linear separar claramente os usos de *assim* como adjunto a SV, com uma função semântica de Modo, e os usos de *assim* conector discursivo. Veja-se o exemplo seguinte:

²² Outras designações correntes para este domínio da significação são “ideational meaning” (Halliday, 1972), “content domain” (Sweetser, 1990), “propositional meaning” (Traugott e König, 1991).

²³ A expressão é de Sweetser (1990).

(25) — *Isto acaba com uma situação que era comum na maior parte dos municípios e que se traduzia sempre na imprevisibilidade da situação seguinte. O outro aspecto é a proibição de pagamento de contrapartidas e compensações neste processo de licenciamento de obras ou de urbanização. Acaba, assim, a negociação lateral, que não era pública nem transparente mas, infelizmente, era prática corrente nos nossos municípios.* [A0041]

Este exemplo é ambíguo, na medida em que *assim* parece revelar igual aceitabilidade para ambas as interpretações: pode ser interpretado como adjunto a SV, retomando anaforicamente um antecedente discursivo com uma função semântica de Modo, mas também pode ser interpretado como conector discursivo. Na primeira interpretação, *assim* apareceria como resposta a uma interrogativa de instanciação introduzida por ‘*como*’ :

(25a) — *Como é que acaba a negociação lateral?*

— *Assim (ou seja, do modo que acabou de ser indicado), com a proibição de pagamento de contrapartidas e compensações no processo de licenciamento de obras ou de urbanização.*

Os outros testes elencados para a identificação de *assim* adjunto a SV são igualmente aplicáveis ao exemplo em causa. Mas é também possível interpretar *assim*, no mesmo exemplo, como um conector discursivo, sinalizando que a situação representada na proposição em que ocorre deve ser interpretada como consequência do que foi dito previamente. Nesta leitura, o último segmento textual pode ser iniciado por *assim*, substituível por ‘*dai (que)*’ ou ‘*de modo (que)*’.

Assim acumularia então a capacidade de designar circunstâncias de Modo e de sinalizar uma conexão discursiva. Nesta etapa do processo de gramaticalização, o valor de Modo e o valor consequencial sobrepõem-se, o que explica a margem de ambiguidade interpretativa. Note-se que esta ambiguidade só surge em contextos em que é possível afectar simultaneamente um valor de Causa e um valor de Modo ao adjunto. A amálgama destes dois valores terá estado na origem da derivação do valor de consequencialidade do conector, num processo de mudança semântica (*deste modo/por causa disto* > *de modo que*) acompanhado de reanálise sintáctica (Advérbio > Conector). Talvez o valor de Causa assinalado possa ser analisado em termos de implicatura conversacional, facilmente computável num contexto como o do exemplo (25). Nesta perspectiva, em (25) o locutor implicaria um nexos de causa/consequência entre as circunstâncias de Modo (que *assim* retoma anaforicamente) e a situação descrita na predicação final, em função do conteúdo lexical das predicções envolvidas (e eventualmente também da activação de conhecimento do mundo) e de um princípio pragmático de maximização da

informação comunicada. A convencionalização desta implicatura poderá, então, estar na origem do valor consequencial do conector.

A grande frequência de contextos deste tipo no *corpus* leva-nos a sustentar a hipótese de que o valor conectivo terá derivado do valor adverbial, num processo que envolve a perda do valor de Modo e a concomitante promoção e convencionalização de uma instrução de interpretação consequencial.

Vejam os exemplos (7) e (26):

- (7) *No âmbito de Teatro, começa-se (e bem) pelas crianças. Assim, a partir de 11 de Fevereiro, no Teatro Maria Matos, teremos um espectáculo musical encenado por Fernando Gomes e coreografado por Vítor Linares, com o elenco do Teatro Infantil de Lisboa.*
- (26) *A CAP entende que os argumentos da Comissão Europeia (...), não justificam uma alteração radical da sua filosofia de base. Assim, a Comissão “não pode esquecer a potencialidade futura de cada Estado-membro”, diz a CAP (...). [J15288]*

Nestes exemplos, parece-nos claro que *assim* não pode comutar com nenhum dos conectores consequenciais, mas julgamos possível substituí-lo pela expressão ‘*neste sentido*’, que sinalizaria **continuidade temática**. Este valor de *assim* não introduz, na frase subsequente, informação completamente nova, mas apenas especificações ou exemplificações que prolongam e elaboram o tópico discursivo. É ao nível da estruturação temático-informacional do texto que julgamos poder descrever este uso de *assim*: marca-se sequencialidade temática, no plano pragmático da estruturação da informação ao longo do texto.

2.5. A locução conjuncional interproposicional *assim que* tem um valor temporal e comuta com *logo que* ou *mal*. *Assim que* é, pois, um conector interfrásico (ou interproposicional) que introduz uma oração subordinada temporal cuja função consiste em determinar a localização temporal da situação descrita na oração principal ou subordinante. Neste sentido, a oração subordinada temporal funciona semanticamente como um adjunto de localização temporal. Os termos exactos da localização dependem, naturalmente, da semântica do conector. Para caracterizar cabalmente a semântica do conector, importa considerar (i) o valor de ordenação temporal que ele veicula e (ii) a categoria aspectual das expressões predicativas com que pode co-ocorrer.

No que toca ao valor de ordenação temporal, *assim que* expressa uma relação de sucessão em contiguidade de dois eventos, ou seja, uma relação de posterioridade imediata, de sequencialidade. Mais concretamente, o evento representado na subordinante ocorre num intervalo de tempo imediatamente sub-

seu ponto de culminação do evento descrito na subordinada, que funciona como termo-origem ou ponto de referência. Esta formulação, na medida em que recorre à expressão ‘culminação do evento’, aponta já para propriedades que relevam da dimensão assinalada em (ii). Com efeito, *assim que* só pode combinar-se com descrições de situações dinâmicas que envolvem um ponto de culminação. Utilizando a clássica tipologia de Vendler (1967), diremos que as expressões predicativas das orações subordinadas introduzidas por *assim que* podem pertencer à classe dos “*accomplishments*” e dos “*achievements*”:

(27) *Assim que escreveu o romance, partiu para férias.*

(28) *Assim que entrei num dos zebros que esperavam na praia senti-me em casa.* [R2072]

(29) *Assim que atingiu a meta, a Ana desmaiou.*

Em (27), a oração subordinada é semanticamente equivalente a (27a):

(27a) *Logo que acabou de escrever o romance.*

Ao combinar-se com uma expressão predicativa pertencente à classe dos “*accomplishments*”, *assim que* promove uma alteração de *aktionsart*: o processo preparatório é eliminado, sendo apenas representado o ponto de culminação, ao qual se segue um estado consequente. Deste modo, a semântica do conector opera uma comutação aspectual, dando origem à representação de um “*achievement*”, marcado pelo traço [+pontual].

Em (28) e (29), verifica-se plena compatibilidade entre o conector e a expressão predicativa pertencente à classe dos “*achievements*”. O traço [-téllico] - presente em (28) ou [+téllico] - presente em (29), que permite distinguir subclasses no interior dos “*achievements*”, parece irrelevante no que toca às compatibilidades semânticas com o conector em apreço.

Assim que é incompatível com a representação de estados e actividades, como se comprova através dos exemplos seguintes:

(30) **Assim que o João vive em Coimbra, sente-se infeliz.*

(31) **Assim que o João correu, descobriu que estava sem forças.*

Os estados e as actividades são situações que comportam o traço [+durativo]. Por essa razão, e ainda pelo facto de, por definição, não haver um ponto de culminação numa descrição de estado ou de actividade, está automaticamente excluída a possibilidade da co-ocorrência com *assim que*.

Quanto às restrições de *aktionsart* impostas pelo conector na oração subordinante, há uma generalização que parece pertinente: são sempre situações não estativas.

2.6. Como já assinalámos, há um valor concessivo associado à construção *mesmo assim*, que pode ser analisada como oração gerundiva reduzida, com elisão da forma verbal *sendo*. *Assim* retoma anaforicamente a proposição precedente, e *mesmo* seguido de gerúndio activa uma interpretação concessiva semelhante àquela que se obtém com o conector *embora*. É, pois, a expressão *mesmo* que carrega o valor concessivo, limitando-se *assim* a funcionar como predicativo anafórico.

Retomemos o exemplo (12):

(12) *E as estruturas sociais já em funcionamento (...) podem-se contar pelos dedos. Mesmo assim, a Câmara diz que os realojamentos na capital “têm corrido bem” (...)[J15752]*

Paráfrases igualmente aceitáveis de (12) seriam (12a), (12b) e (12c):

(12a) *Embora as estruturas sociais já em funcionamento se possam contar pelos dedos, a Câmara diz que os realojamentos na capital “têm corrido bem”.*

(12b) *Apesar de as estruturas sociais já em funcionamento se poderem contar pelos dedos, a Câmara diz que os realojamentos na capital “têm corrido bem”.*

(12c) *Mesmo podendo contar-se pelos dedos (como podem) as estruturas sociais já em funcionamento, a Câmara diz que os realojamentos na capital “têm corrido bem”.*

Nestas paráfrases, a proposição subordinada descreve uma situação factual, verdadeira, e a proposição subordinante, também ela apresentada como factual e verdadeira, representa uma situação inesperada, não compatível com a informação expressa na subordinada. Por outras palavras, o facto de se poderem contar pelos dedos as estruturas sociais em funcionamento (p) implicaria (pelo menos pragmaticamente) a asserção de que os realojamentos na capital não têm corrido bem ($\neg q$), e, no entanto, assere-se $p \wedge q$. Em König (1986:234), sintetizam-se as propriedades semânticas das construções concessivas do seguinte modo: as duas proposições articuladas pelo conector concessivo são ambas implicadas pela proposição complexa e o conector activa uma pressuposição do tipo *se p, então normalmente $\neg q$* . Julgamos que a construção *p, mesmo assim q* (bem como a construção *p ainda assim q*) pode ser descrita nestes termos. Note-se, entretanto, que a interpretação de uma das situações como inesperada ou surpreendente face à realidade de uma outra situação é já uma marca da subjectividade/avaliação do falante relativamente aos conteúdos proposicionais.

2.7. O *corpus* atesta ainda a ocorrência de *assim* em construções do tipo *p assim como q*. Trata-se de uma construção com valor juntivo/aditivo, que se aplica a diferentes categorias sintácticas, coordenando estruturas da mesma categoria. Para além do valor juntivo, *assim como* assume por vezes também um valor comparativo, nomeadamente quando articula frases, sendo esse valor activado em função do conteúdo lexical das proposições envolvidas e do tópico discursivo. Embora o domínio das conexões comparativas seja um domínio pouco explorado e complexo, julgamos que há construções que traduzem uma semelhança entre objectos ou situações, baseada numa comparação prévia e na constatação de que partilham propriedades, sem, no entanto, envolverem graduação. Em português, *assim como* pode justamente funcionar como conector interproposicional que expressa umnexo de similitude entre situações.

Vejam-se os seguintes exemplos:

- (32) (...) *essa situação irá afectar (...) a atribuição de subsídios às colectividades de Albufeira, assim como a transferência de verbas para as juntas de freguesia* [JC14323]
- (33) *Pode acontecer, contudo, que este livro venha a ser também de alguma utilidade para os estudantes de pós-graduação em Psicologia ou em Ciências da Educação, assim como para os psicólogos, professores e outras pessoas (...)* [L0330P0017X]
- (34) *Timor vive ainda da casta que se transmite desde tempos imemoriais. Isso faz parte da cultura timorense. Os liurais e os príncipes são mais respeitados do que os outros, assim como a solidariedade é mais profunda entre os que têm sangue ancestral timorense* [J3583]
- (35) *A sida já foi objecto de aulas assim como a droga e outros flagelos sociais* [R1619]

Em (32), *assim como* coordena SNs, no interior da mesma proposição, e é parafraseável por *e também*. Além do valor meramente juntivo/aditivo, expressa um valor inclusivo, assinalando que a informação veiculada pelo constituinte que se encontra no seu escopo deve ser acrescentada a informação já expressa, como sub-parte de uma estrutura cumulativa mais ampla. Em (33), *assim como* coordena SNs e tem o mesmo valor semântico. Em (34), *assim como* funciona como conector interfrásico (ou interproposicional), e alia ao valor juntivo o valor comparativo já assinalado. As situações descritas nas frases conectadas por *assim como* são comparáveis, na medida em que ilustram ambas a afirmação genérica prévia que dá início ao texto.

Em (35), a relação de junção entre frases com o mesmo SV provoca a elipse deste constituinte. Parece-nos que (35) é semanticamente equivalente a (35a), o que prova o valor aditivo do conector:

(35a) *A sida já foi objecto de aulas e a droga e outros flagelos sociais também (foram).*

2.8. Marcador discursivo por excelência, com uma interpretação directa e exclusivamente pragmática, é o *assim* exemplificado em (13) e aqui repetido:

(13) *Como o tipo é assim um bocado tonto, disse-lhe que sim.*

Na verdade, a falante recorre a *assim*, em (13), apenas para sinalizar ao interlocutor que o termo seguinte não é o mais adequado. Há uma hesitação discursiva à qual se segue uma formulação linguística que só de forma aproximada corresponde ao denotatum entendido. Trata-se de um significado inerentemente metadiscursivo, já que o falante comenta a sua própria formulação linguística, e simultaneamente faculta ao interlocutor uma instrução de leitura. Ao assinalar a inadequação da expressão utilizada face à denotação que se pretende expressar, o falante está também a assinalar que o seu acto discursivo é de alguma forma defectivo, o que equivale a um acto ilocutório indirecto de aviso, tendente a acautelar uma interpretação literal que não corresponderia exactamente à intenção comunicativa. É a semântica típica do *hedge*, tal como Kay (1997) o caracteriza.²⁴

3. Considerações finais

Analizados os diferentes valores que *assim* pode assumir no discurso, no PE contemporâneo, propomo-nos agora sistematizar as reflexões sobre os domínios de significação em que opera e sobre eventuais nexos conceptuais que interligam os usos atestados.

Enquanto predicador e adjunto (nominal ou verbal), *assim* opera no domínio da significação referencial, contribuindo para as condições de verdade da frase em que ocorre. Parece-nos que prototipicamente *assim* é um advérbio de modo deíctico. Aponta para um fazer situacionalmente perceptível, que especifica circunstâncias de Modo. Na ausência desta evidência situacional imediata, é para o contexto discursivo que *assim* aponta, anafórica ou cataforicamente, retomando ou antecipando os valores referenciais de constituintes com a mesma função sintáctico-semântica.

Entre o adjunto adverbial de modo, com valor anafórico, e o advérbio conectivo, observa-se um fenómeno de gramaticalização: *assim* passa a funcionar como conector discursivo, deixando de desempenhar a função semântica de

²⁴ Em Ilari (1993), os *hedges* são chamados advérbios delimitadores, advérbios que dão instruções ao interlocutor sobre o modo como deve ser interpretada uma frase/proposição ou um seu constituinte.

Modo. Enquanto conector, *assim* exprime três valores distintos, de tipo instrucional, em função do domínio de significação em que opera: no domínio do conteúdo, assinala ao interlocutor que a situação descrita na proposição que introduz deve ser lida como consequência da situação previamente descrita; no domínio epistémico, sinaliza que a proposição em que ocorre deve ser interpretada como conclusão sustentada pela proposição anterior, que funciona como premissa; no domínio estritamente textual, que envolve a estruturação das sequências temático-informacionais do discurso, *assim* marca continuidade de tópico discursivo.

A frequência de contextos ambíguos, em que é possível interpretar *assim* quer como adjunto a SV, quer como conector, leva-nos a pensar que o valor conectivo terá derivado do valor adverbial anafórico, por convencionalização de uma implicatura conversacional que interliga segundo um nexos causal dois conteúdos proposicionais expressos. Com efeito, são frequentes os contextos em que o locutor pode facilmente implicar um nexos de causa/consequência entre as circunstâncias de Modo (que *assim* retoma anaforicamente a partir de uma primeira proposição) e a situação descrita na segunda predicção. Esta hipótese explicativa corrobora a estratégia metonímica assinalada por Traugott e König (1991), segundo a qual a gramaticalização torna saliente, pela convencionalização, significações de tipo pragmático, como o são instruções que guiam o processo interpretativo.

Por outro lado, é possível apreender nexos conceptuais entre a instrução de consequencialidade e a de conclusividade: com efeito, uma conclusão é uma consequência lógica inferida a partir de premissas tidas como verdadeiras. Verifica-se, pois, uma projecção metafórica de uma relação de conexão do plano do conteúdo para o plano epistémico, que permite conceptualizar um domínio mais abstracto através da estruturação cognitiva de um domínio mais concreto.

Quanto ao valor de sinalização de continuidade temática, parece ser uma derivação do valor consequencial do conectivo: *assim* retém apenas o valor de sequencialidade (presente no valor de consequencialidade, já que uma consequência é sempre posterior a uma causa), projectando-o no domínio da estruturação temático-informacional do texto.

O marcador discursivo parece corresponder a um outro percurso do processo de gramaticalização: de expressão genérica que sinaliza ou antecipa cataforicamente o tipo de função sintáctico-semântica que se vai realizar na expressão que se segue, *assim* passa a operar no plano interpessoal, inscrevendo no discurso simultaneamente uma avaliação metadiscursiva do dizer por parte do falante e uma instrução ao interlocutor no sentido de acautelar uma interpre-

Comentado [Office1]: aproximativo

tação indesejada. Nestes usos, *assim* aponta para o modo de dizer do falante.²⁵

A polifuncionalidade de *assim* pode, por conseguinte, ser explicada num quadro que admita diversos domínios da significação: o domínio estritamente referencial ou informativo configura o seu significado prototípico, que funciona como núcleo de sucessivas derivações: da especificação de circunstâncias de Modo, relevantes no plano da descrição/representação do mundo, passamos para o plano da especificação do modo de dizer e de interpretar, relevantes ao nível pragmático.

A real heterogeneidade, e conseqüente complexidade, dos dados – que só uma análise ancorada num estudo de corpora evidencia – parece funcionar como argumento empírico forte a favor de uma teoria linguística que problematize a definição discreta das categorias linguísticas e evidencie a flexibilidade do significado.

²⁵ Quanto ao valor temporal de *assim que*, não nos parece possível, neste momento, apreender e explicitar nexos conceptuais susceptíveis de o inserir numa análise integrada, a partir de um centro prototípico. Um estudo de natureza diacrónica poderá eventualmente iluminar a questão, pela clarificação dos contextos de uso em que *assim* adquire esse valor.

Bibliografia

- COROMINAS, J. e PASCUAL, J.A. (1989) - *Diccionario crítico etimológico Castellano e Hispânico*, vol. I, Madrid, Gredos.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (1984)- *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- DELBECQUE, N. (1994)- “Las funciones de así, bien y mal”, in *Revista Española de Lingüística*, Año 24, fasc.2, p.435-466.
- DEMONTE, V. e BOSQUE, I. (1999) - *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa-Calpe.
- KAY, P. (1997) - “The *Kind of/Sort of* construction”, in Kay, P., *Words and the grammar of context*, Standford, CSLI Publications, p.145-158.
- LEHMANN, C. (1988) – “Towards a typology of clause linkage”, in Haiman, J. e Thompson, S. (eds.), *Clause combining in grammar and discourse*, Amsterdam, Benjamins, p.181-225.
- LOPES, O. (1985)- “Algumas peculiaridades do Português, e especialmente do português europeu, que importam à teoria da semântica linguística universal”, in *Actas do Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no mundo*, vol. I, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua portuguesa, p.85-104.
- QUIRK, R. *et alii* (1985)- *A comprehensive grammar of the English language*, London, Longman.
- SWEETSER, E. (1990)- *From etymology to pragmatics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- TRAUGOTT, E. e KONIG, E. (1991)- “The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited”, in Traugott e Heine (eds.), *Approaches to grammaticalization*, Amsterdam, Benjamins, p.189-218.